

a rosa branca
as crônicas da companhia negra
glen cook

Tradução de Renato Carreira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Para Nancy Edwards. Apenas porque sim.

A PLANÍCIE DO MEDO



O AR PARADO DO DESERTO ERA DENSO COMO VIDRO. OS cavaleiros pareciam paralisados no tempo, movendo-se sem se aproximarem. Revezámo-nos a contar. Não consegui contar o mesmo número duas vezes seguidas.

Uma brisa gemeu no coral, agitando as folhas do Velho Pai Árvore. Tilintaram umas contra as outras com a canção do vento. A norte, o brilho de relâmpagos inconstantes iluminou o horizonte como o embate distante de deuses guerreiros.

Um pé pisou areia. Virei-me. O Silencioso olhava um menir falante, boquiaberto. Tinha surgido nos últimos segundos, sobressaltando-o. Pedras matreiras. Gostavam de jogos.

— Há desconhecidos na Planície — disse o menir.

Sobressaltei-me. Ele riu-se. Os menires têm as gargalhadas mais malévolas fora dos contos de fadas. Como rosnados. Abriguei-me na sua sombra.

— Já está quente. — E: — Ali vêm o Zarolho e o Duende, regressando de Curtidor.

Ele estava certo e eu errado. O meu foco era demasiado limitado. A patrulha demorara um mês além do planeado. Estávamos preocupados. Nos últimos tempos, as tropas da Senhora estavam mais ativas pela Planície do Medo.

Outro riso do bloco de pedra.

Erguia-se muito acima de mim, com quatro metros de altura. Um

menir de tamanho médio. Os que passavam dos quatro metros e meio raramente se mexiam.

Os cavaleiros estavam mais perto, sem parecerem ter-se aproximado. Culpei os nervos. A Companhia Negra vivia tempos desesperados. Não podíamos dar-nos ao luxo de sofrer baixas. Qualquer homem perdido seria um amigo de muitos anos. Voltei a contar. Daquela vez, pareceu-me que acertei. Mas havia uma montada sem cavaleiro... Tremi, apesar do calor.

Desciam o caminho que conduzia a um ribeiro a trezentos metros do nosso ponto de observação, escondido dentro de um grande recife. As árvores caminhanes junto ao vau agitaram-se, mesmo que a brisa tivesse cessado.

Os cavaleiros fizeram as montadas acelerar. Os animais estavam cansados. Estavam relutantes, mesmo sabendo que estavam quase em casa. Entraram no ribeiro. Salpicos de água. Sorri e bati com a mão nas costas do Silencioso. Estavam todos lá. Todos os homens e mais um.

O Silencioso suspendeu a sua frieza habitual e retribuiu um sorriso. O Elmo saiu do coral e foi ao encontro dos nossos irmãos. Otto, o Silencioso e eu corremos atrás deles.

Atrás de nós, o sol da manhã era uma bola de sangue que fervia.

Homens desceram de cavalos, sorrindo. Mas tinham mau ar. O Duende e o Zanolho eram os piores. Mas tinham regressado a um território onde os seus poderes de feiticeiro eram inúteis. Tão perto da Amorosa, não eram maiores do que qualquer um de nós.

Olhei para trás. A Amorosa tinha vindo à entrada do túnel, erguendo-se aí como um fantasma nas sombras, toda de branco.

Homens abraçaram-se. A seguir, velhos hábitos dominaram os gestos. Todos fingiram que era apenas outro dia.

— Foi duro? — perguntei ao Zanolho. Olhei para o homem que os acompanhava. Não me era familiar.

— Sim. — O pequeno homem negro mirrado estava em pior estado do que me pareceu inicialmente.

— Estás bem?

— Uma flecha. — Passou a mão pelo flanco. — Superficial.

Atrás do Zanolho, o Duende guinchou:

— Quase nos arrumaram. Passaram um mês a perseguir-nos. Não conseguimos livrar-nos deles.

— Vamos levar-te para o Buraco — disse ao Zanolho.

— Não está infetada. Limpei-a.

— Mesmo assim, quero ver. — Era o meu assistente desde o meu alistamento como médico da Companhia. O seu diagnóstico era válido. No entanto, o responsável máximo pela saúde dos homens era eu.

— Esperavam-nos, Físico. — A Amorosa desaparecera da boca do túnel, regressando ao estômago da nossa fortaleza subterrânea. O sol continuava sangrento a leste, um legado da passagem da tempestade inconstante. Algo grande voou à sua frente. Uma baleia-do-vento?

— Emboscada? — Olhei novamente para a patrulha.

— Não nos esperavam exatamente a nós. Esperavam problemas. Tinham sido informados. — A patrulha tivera uma missão dupla: contactar os nossos simpatizantes em Curtidor para descobrir se os seguidores da Senhora voltavam à vida depois de um longo interregno e saquear a guarnição para provar que conseguíamos ferir um império que incluía meio mundo.

Enquanto passávamos por ele, o menir disse:

— Há desconhecidos na Planície, Físico.

Porque me aconteciam aquelas coisas a mim? As pedras grandes falavam mais comigo do que com qualquer outra pessoa.

À segunda seria de vez? Prestei atenção. Se um menir se repetia, significava que a mensagem era importante.

— Os homens que vos perseguem? — perguntei ao Zanolho.

Encolheu os ombros.

— Não desistiriam.

— Que acontece por lá? — Escondido na Planície, era como se eu tivesse sido enterrado vivo.

A face do Zanolho permaneceu imperscrutável.

— O Cordoeiro dirá.

— Cordoeiro? É o tipo que trouxeram? — Conhecia o nome, mas não o homem. Um dos nossos melhores informadores.

— Sim.

— Então não há boas notícias?

— Não.

Entrámos no túnel que conduzia ao nosso covil, à nossa fortaleza fedorenta, bolorenta, húmida e acanhada como uma toca de coelho. Era nojenta, mas não deixava de ser o coração e a alma da Nova Revolta da

A ROSA BRANCA

Rosa Branca. A Nova Esperança, como se sussurrava pelas nações prisioneiras. A Esperança Ridícula dos que ali viviam. O sítio era tão mau como uma masmorra infestada de ratazanas... mas era *possível* sair. Para quem não se importasse de se aventurar num mundo onde teria de enfrentar o poder de um império.

A PLANÍCIE DO MEDO



O CORDOEIRO ERA OS NOSSOS OLHOS E OUVIDOS EM Curtidor. Tinha contactos por toda a parte. Há décadas que trabalhava contra a Senhora. Era um dos poucos que tinham escapado à sua fúria em Encanto, onde os Rebeldes de antanho tinham sido obliterados. A Companhia tinha grandes responsabilidades. Nesse tempo, éramos o seu braço direito musculado. Empurrámos os seus inimigos para a armadilha.

Um quarto de milhão de homens morreu em Encanto. Nunca uma batalha foi tão imensa ou sangrenta. Nunca o desfecho foi tão definitivo. Até o fracasso colossal do Dominador na Velha Floresta destruiu quase metade das vidas.

O destino obrigou-nos a mudar de lado... quando deixou de haver quem pudesse ajudar-nos na nossa batalha.

O ferimento do Zarolho estava tão limpo como afirmou. Dispensei-o e fui para os meus aposentos. Dizia-se que a Amorosa queria a patrulha repousada antes de aceitar o seu relatório. Um pressentimento arrepiou-me, receando ouvir o que diriam.

Um velho cansado. É o que sou. Que aconteceu à velha chama, à motivação, à ambição? Tinha havido sonhos, outrora. Sonhos entretanto esquecidos. Em dias tristes, limpo-lhes o pó e acaricio-os com nostalgia, com um maravilhamento condescendente pela ingenuidade da juventude que os sonhou.

A velhice infesta os meus aposentos. O meu grande projeto. Quase quarenta quilos de documentos antigos capturados à general Sussurro

quando servíamos a Senhora e ela servia o Rebelde. Supostamente, continuam a chave para quebrar a Senhora e os Tomados. Há seis anos que os tinha. E, em seis anos, não descobri nada. Tamanho fracasso. Deprimente. Hoje em dia, o mais frequente era folheá-los antes de me dedicar a estes Anais.

Desde a nossa fuga de Zimbro, eram pouco mais do que um diário pessoal. O que restava da Companhia gerava pouca excitação. As notícias que recebemos do exterior são tão escassas e pouco fiáveis que raramente me dou ao trabalho de as registar. Além disso, desde a sua vitória sobre o marido em Zimbro, a Senhora parece mais suspensa do que nós, afundando-se na inércia.

As aparências iludem, claro. E a essência da Senhora é a ilusão.

— Físico.

Ergui os olhos de uma página em tellekurre antigo que já tinha estudado cem vezes. O Duende atravessava-se na porta. Parecia um sapo velho.

— Sim?

— Acontece alguma coisa lá em cima. Traz uma espada.

Peguei no arco e numa couraça de couro. Sou demasiado velho para combate corpo a corpo. Prefiro manter a distância e disparar, se o combate for inevitável. Observei o arco enquanto seguia o Duende. Tinha-me sido oferecido pela Senhora, durante a batalha de Encanto. Ah, as memórias. Com ele, tinha ajudado a derrotar o Caça-Almas, o Tomado que tinha trazido a Companhia para o serviço da Senhora. Esses tempos pareciam-me quase pré-históricos.

Corremos para o sol. Outros vieram connosco, distribuindo-se entre catos e corais. O cavaleiro que descia o trilho, o único caminho possível, não nos veria.

Vinha sozinho sobre uma mula velha. Não estava armado.

— Isto tudo por um velho numa mula? — perguntei. Homens corriam entre corais e catos, produzindo um enorme alarido. Era impossível que o velho não soubesse que ali estávamos. — Temos de treinar uma saída mais silenciosa.

— Sim.

Sobressaltado, virei-me. O Elmo estava atrás de mim, com uma mão protegendo-lhe os olhos do sol. Parecia tão velho e cansado como eu me sentia. Em cada dia que passava, algo me recordava que já nenhum de

nós é jovem. Raios, nenhum de nós era jovem quando viemos para norte, atravessando o Mar dos Tormentos.

— Precisamos de sangue novo, Elmo.

Ele riu-se.

Sim. Seremos muito mais velhos antes do fim daquilo. Se sobrevivermos. Porque ganhamos tempo. Décadas, com sorte.

O cavaleiro passou o ribeiro e parou. Ergueu as mãos. Homens materializaram-se, empunhando negligentemente as armas. Um velho sozinho, no coração do nulo da Amorosa, não constituía qualquer perigo.

O Elmo, o Duende e eu avançámos. Enquanto nos movíamos, perguntei ao Duende:

— Tu e o Zarolho divertiram-se enquanto estiveram fora? — A sua quezília durava há uma eternidade. Mas ali, onde a presença da Amorosa o proibia, não podiam usar a feitiçaria para pregarem partidas um ao outro.

O Duende sorriu. Quando sorri, a sua boca estica-se de orelha a orelha.

— Dei-lhe uns safanões.

Alcançámos o cavaleiro.

— Conta-me mais tarde.

O Duende riu-se, produzindo um guincho que fazia lembrar o silvo de água fervendo numa chaleira.

— Sim.

— Quem és? — perguntou o Elmo ao homem na mula.

— Oferendas.

Não era um nome. Era a senha de um mensageiro do Oeste longínquo. Há muito que não a ouvíamos. Os mensageiros ocidentais tinham de atravessar as províncias mais domadas pela Senhora para chegarem à Planície.

— Sim? — disse o Elmo. — Vejam só. Queres desmontar?

O velho desceu da mula e apresentou os seus documentos. O Elmo considerou-os aceitáveis. A seguir, o velho anunciou:

— Trago aqui dez quilos. — Tocou num estojo atrás da sela. — Cada maldita cidade aumentou a carga.

— Fizeste a viagem sozinho? — perguntei.

— Cada metro desde Remo.

— Remo? Isso fica...

A mais de mil e quinhentos quilómetros. Não sabia que tínhamos alguém por lá. Mas havia muito que não sabia acerca da organização montada pela Amorosa. Passava o meu tempo a tentar forçar aqueles malditos papéis a revelarem-me algo que podia lá não estar.

O velho olhou-me como se submetesse a minha alma a uma auditoria.

— És o médico? Físico?

— Sim. E então?

— Tenho uma coisa para ti. É pessoal. — Abriu o estojo de mensageiro. Por um momento, todos ficaram atentos. Tudo era possível. Mas o que tirou foi um embrulho de oleado que protegia alguma coisa do fim do mundo. — Está sempre a chover por lá — explicou. Entregou-me o embrulho.

Tomei-lhe o peso. Sem o oleado, não seria muito pesado.

— De quem é?

O velho encolheu os ombros.

— Como te chegou às mãos?

— Foi o capitão da minha célula.

Claro. A Amorosa era muito cuidadosa, estruturando a sua organização para que se tornasse quase impossível à Senhora destruir mais do que uma fração. A pequena era genial.

O Elmo aceitou o resto e disse a Otto:

— Leva-o para baixo e encontra-lhe um beliche. Descansa, veterano. A Rosa Branca questionar-te-á mais tarde.

A tarde talvez fosse interessante com as informações trazidas por aquele tipo e pelo Cordoeiro. Ergui o embrulho misterioso e disse ao Elmo:

— Vou dar uma vista de olhos a isto. — Quem poderia tê-lo enviado? Não conhecia ninguém fora da Planície. Bom... Mas a Senhora não enviaria uma carta aos conspiradores. Ou enviaria?

Uma pontada de medo. Passara algum tempo, mas era verdade que *tinha* prometido manter o contacto.

O menir falante que nos tinha alertado para o mensageiro permanecia plantado ao lado do caminho. Enquanto passei por ele, ouvi-o dizer:

— Há desconhecidos na Planície, Físico.

Parei.

— O quê? Mais?

Voltou à sua natureza e não disse mais nada.

Nunca compreenderei aquelas pedras velhas. Raios, continuo sem compreender porque estão do nosso lado. À sua maneira, odeiam todos os forasteiros de igual forma. Tal como cada uma das consciências bizarras que nos rodeavam.

Entrei nos meus aposentos, tirei a corda do arco e encostei-o à parede de terra. Sentei-me diante da minha mesa de trabalho e abri o embrulho.

Não reconheci a caligrafia. Verifiquei que o fim não estava assinado. Comecei a ler.

HISTÓRIA DO PASSADO



FÍSICO:
A mulher voltava a lamuriar-se. Bomanz massajou as têmporas. A palpitação não abrandava. Cobriu os olhos.
— Saita, sayta, suta — murmurou com sibilantes furiosas e serpentinadas.

Mordeu a língua. Não melindraria a sua mulher. Suportaria com humilde dignidade as consequências da tolice da juventude. Ah, mas que tentação! Que provocação!

Basta, tolo! Estuda o maldito mapa.

Nem Jasmine nem a dor de cabeça pararam.

— Maldição! — Afastou os pesos que prendiam os cantos do mapa e enrolou a seda fina à volta de uma frágil vareta de vidro. Enfiou a vareta na haste de uma lança falsa antiga. A haste estava polida pelo uso.
— Besand perceberia num minuto — resmungou.

Rançou os dentes enquanto a sua úlcera lhe mordida o ventre. Quanto mais se aproximava do fim, maior era o perigo. Os seus nervos estavam em franja. Temia ceder na última barreira, temia que a cobardia o devorasse e que tivesse vivido em vão.

Trinta e sete anos era muito tempo para viver à sombra do machado do executor.

— Jasmine — murmurou. — E chamem Bela a uma porca. — Afastou a cortina e gritou para baixo. — Que foi agora?

Era o que sempre tinha sido. Incómodo sem qualquer relação com

a raiz da sua insatisfação. Uma interrupção do seu estudo por considerar que tinha desperdiçado a vida de ambos.

Podia ter-se tornado um homem importante em Remo. Podia tê-la engordado com carne a cada refeição. Ao invés, tinha escolhido uma vida de erudito, disfarçando o seu nome e profissão e arrastando-a para aquele recanto ermo e assombrado da Velha Floresta. Não lhe tinha dado nada além de pobreza, invernos gelados e indignidades perpetradas pela Guarda Eterna.

Bomanz desceu pela escadaria estreita e traiçoeira, fazendo-a ranger. Amaldiçoou a mulher, cuspiu no chão, pousou-lhe prata na mão ressequida e afastou-a com uma súplica de jantar, por uma vez, de uma refeição decente. Indignidade, pensou. Conto-te o que é uma indignidade, corvo velho. Conto-te como é viver com alguém que não para de se queixar, com um trapo velho hediondo cheio de sonhos fúteis e inconsequentes...

— Para, Bomanz — murmurou ele. — É a mãe do teu filho. Trata-a como merece. Não te traiu. — Continuavam a partilhar, pelo menos, a esperança representada pelo mapa de seda. Era duro para ela esperar, sem conhecer o progresso dele, sabendo apenas que, durante quase quatro décadas, não tinha conseguido qualquer resultado tangível.

A campainha da porta da loja tilintou. Bomanz canalizou a sua fachada de lojista. Arrastou-se em diante, até um homem baixo e calvo com veias azuis nas mãos unidas diante do peito.

— Tokar. — Baixou a cabeça numa vénia breve. — Não te esperava tão cedo.

Tokar era um mercador de Remo, amigo de Stencil, o filho de Bomanz. Tinha uma disposição franca e irreverente que Bomanz acreditava erroneamente ser um espelho da sua disposição de juventude.

— Não planeei voltar tão cedo, Bo, mas as antiguidades têm muita procura. Desafia a compreensão.

— Queres outro carregamento? Já? Vais deixar-me sem mercadoria. — Por dizer, o queixume calado: Bomanz, isto implica trabalho de reabastecimento. Tempo roubado à pesquisa.

— O Domínio está na berra, este ano. Basta de perder tempo, Bo. Apressa-te e isso tudo. No ano que vem, o mercado poderá estar tão morto como os Tomados.

— Não estão... Talvez esteja a ficar velho para isto, Tokar. Já não me agradam as discussões com Besand. Raios. Há dez anos, fui à procura

dele. Uma boa discussão para acabar com o tédio. E a escavação esgotou-me. Estou acabado. Só quero ficar sentado no alpendre e ver a vida passar. — Enquanto falava, Bomanz dispunha as suas melhores espadas antigas, peças de armadura, amuletos de soldados e um escudo quase impecavelmente preservado. Uma caixa de pontas de flecha decoradas com rosas gravadas. Um par de lanças de ponta larga antigas colocadas em réplicas das suas hastes.

— Posso mandar-te alguns homens. Mostra-lhes onde devem cavar. Pago-te a comissão. Não terás de fazer nada. É um belo machado, Bo. Tellekurre? Conseguiria vender uma pilha de armamento tellekurre.

— Uchitelle, na verdade. — Uma pontada da úlcera. — Não. Nada de ajudantes. — Não precisava de mais nada. Um bando de rapazes imprudentes rondando-o enquanto fazia os seus cálculos no campo.

— Era só uma sugestão.

— Desculpa. Não leves a mal. A Jasmine fez-me a cabeça em água esta manhã.

Baixando a voz, Tokar perguntou:

— Encontrei alguma coisa relacionada com os Tomados?

Com a facilidade construída por décadas, Bomanz fez o seu papel, fingindo-se horrorizado.

— Os Tomados? Julgas-me um tolo? Não tocarias em nada mesmo que *conseguisse* enganar o Monitor.

Tokar esboçou um sorriso conspirativo.

— Claro. Não queremos ofender a Guarda Eterna. Mesmo assim... Há um homem em Remo que pagaria bem por qualquer coisa que pudesse ser atribuída a um dos Tomados. Venderia a alma por algo que tivesse pertencido à Senhora. Está apaixonado por ela.

— Era conhecida por isso. — Bomanz evitou o olhar do homem mais jovem. Quanto revelara Stance? Seria uma das incursões de Besand? Quanto mais Bomanz envelhecia, menos apreciava o jogo. Os seus nervos não aguentavam aquela vida dupla. Sentiu-se tentado a confessar aquilo só para se sentir aliviado.

Não, maldição! Tinha investido demasiado. Trinta e sete anos. Sempre a escavar e a procurar. A esconder-se e a fingir. Na mais abjeta pobreza. Não. Não desistiria. Não naquele momento. Não quando estava tão perto.

— À minha maneira, também a amo — admitiu. — Mas não abdiquei

do bom senso. Berraria por Besand se encontrasse alguma coisa. Tão alto que me ouviriam em Remo.

— Muito bem. Como queiras. — Tokar sorriu. — Basta de mistério. — Puxou por uma bolsa de couro. — Cartas de Stancil.

Bomanz aceitou a bolsa.

— Não tenho notícias dele desde a tua última visita.

— Posso começar a carregar, Bo?

— Claro. Avança. — Distraidamente, Bomanz retirou o seu inventário de um orifício na parede. — Regista o que lewares.

Tokar respondeu com uma gargalhada delicada.

— Tudo desta vez, Bo. Dá-me um preço.

— Tudo? Metade é lixo.

— É como te disse. O Domínio está na berra.

— Viste o Stance? Como está ele? — Ia a meio da primeira carta. O seu filho não tinha nada de relevante para relatar. A sua correspondência enchia-se com trivialidades quotidianas. Cartas por obrigação. Cartas de um filho para os seus pais, incapazes de superar o abismo intemporal.

— Enjoativamente saudável. Enfadado com a universidade. Continua a ler. Há uma surpresa.

— O TOKAR ESTEVE AQUI — DISSE BOMANZ. SORRIA E SALTITAVA COM passos de dança.

— Esse ladrão? — Jasmine franziu a testa. — Lembraste-te de lhe pedir que pagasse? — A sua cara gorda e flácida estava fixa numa perpétua máscara de reprovação. Habitualmente, a boca replicava a mesma emoção.

— Trouxe cartas do Stance. Toma. — Estendeu-lhe a bolsa. Não conseguia conter-se. — O Stance volta para casa.

— Para casa? Não pode. Tem a sua posição na universidade.

— Vai fazer uma sabática. Vem passar o verão.

— Porquê?

— Para nos ver. Para ajudar com a loja. Para se afastar e conseguir acabar uma tese.

Jasmine resmungou. Não leu as cartas. Não tinha perdoado o filho por partilhar o interesse do pai pelo Domínio.

— O que quer é ajudar-te a vasculhar onde não deviam. Não é isso? Bomanz dirigiu olhares furtivos para as janelas da loja. A sua existência era preenchida por paranoia justificada.

— Estamos no Ano do Cometa. Os fantasmas dos Tomados erguer-se-ão para chorar o fim do Domínio.

Aquele verão assinalaria o décimo regresso do cometa que surgiu na hora da queda do Dominador. Os Dez Que Foram Tomados manifestar-se-iam em força.

Bomanz tinha testemunhado uma passagem no verão da sua vinda para a Velha Floresta, muito antes do nascimento de Stancil. A Terra dos Sepulcros fora impressionante, calcorreada por fantasmas.

A excitação provocou-lhe um aperto no ventre. Jasmine não apreciaria, mas aquele seria o verão. O fim de uma longa busca. Faltava-lhe apenas uma chave. Quando a encontrasse e estabelecesse contacto, poderia começar a extrair em vez de investir.

Jasmine arreganhou os dentes.

— Porque me meti nisto? A minha mãe avisou-me.

— Falamos do Stancil, mulher. O nosso único.

— Ah, Bo. Não me chames velha cruel. Claro que o receberei de braços abertos. Não o amo também?

— Não te faria mal se o demonstrasses. — Bomanz olhou o que restava do seu inventário. — Tudo o que resta é a tralha mais reles. Estes ossos velhos doem só de pensar no que terei de cavar.

Os seus ossos doíam, mas o seu espírito estava ávido. Reabastecer o armazém seria uma desculpa plausível para deambular pelas fronteiras da Terra dos Sepulcros.

— Nenhum momento será melhor para começar.

— Tentas tirar-me de casa?

— Não me magoarias se o fizesses.

Suspirando, Bomanz olhou a sua loja. Algumas peças de equipamento parcialmente apodrecido, armas partidas, um crânio que não podia ser atribuído a ninguém porque lhe faltava a marca triangular característica dos oficiais do Domínio. Os colecionadores não se interessavam pelos ossos de peões ou de seguidores da Rosa Branca.

Curioso, pensou. Porque nos sentimos tão intrigados pelo mal? A Rosa Branca era mais heroica que o Dominador ou os Tomados. Só os homens do Monitor a recordavam. Qualquer camponês conseguia dizer

o nome de metade dos Tomados. A Terra dos Sepulcros, onde o mal se inquietava, era guardada. A sepultura da Rosa Branca perdera-se.

— Nem cá nem lá — resmungou Bomanz. — Hora de ir para o campo. Aqui. Aqui. Pá. Varinha divinatória. Sacos... Talvez Tokar estivesse certo. Talvez devesse arranjar um ajudante. Escovas. Para ajudar a transportar isto tudo. Luneta. Mapas. Não os posso esquecer. E mais? Fitas para identificar o achador. Claro. Aquele miserável Men fu.

Enfiou as coisas num saco e pendurou equipamento pelo corpo. Reuniu pá, ancinho e luneta.

— Jasmine. Jasmine! Abre a maldita porta.

A mulher espreitou pelas cortinas que camuflavam a entrada dos seus aposentos.

— Devias tê-la aberto primeiro, imbecil. — Ela atravessou a loja. — Um destes dias, Bo, terás de te organizar. Provavelmente no dia a seguir ao meu funeral.

Bomanz cambaleou pela rua abaixo, resmungando:

— Organizo-me no dia em que morreres. Podes acreditar nisso. Quero-te enterrada antes que mudes de ideias.

O PASSADO RECENTE: CORBIE



A TERRA DOS SEPULCROS SITUA-SE MUITO A NORTE DE Encanto, na Velha Floresta tão referida nas lendas da Rosa Branca. Corbie veio à cidade aí, no verão após o Dominador ter fracassado na sua fuga da sepultura através de Zimbro. Encontrou os servidores da Senhora de moral elevado. Deixara de haver motivo para temer o grande mal no Grande Sepulcro. Os Rebeldes que restavam tinham sido postos em fuga. O império deixara de ter inimigos relevantes. O Grande Cometa, arauto de todas as catástrofes, demoraria décadas a regressar.

Restava um único foco de resistência. Uma criança afirmava ser a reencarnação da Rosa Branca. Mas era uma fugitiva, fugindo com os restos da traiçoeira Companhia Negra. Nada para temer aí. Os recursos avassaladores da Senhora esmagá-los-iam.

Corbie coxeou pela estrada que subia de Remo, sozinho, com um saco às costas e um bastão preso nos dedos firmes. Afirmava ser um veterano aleijado das campanhas do Coxo em Forsberg. Queria trabalho. Havia trabalho suficiente para um homem que não fosse demasiado orgulhoso. A Guarda Eterna era bem paga. Muitos pagavam por trabalhos braçais que lhes aliviariam o serviço.

Então, um regimento instalava-se na Terra dos Sepulcros. Inúmeros civis orbitavam o seu acampamento. Corbie desapareceu entre eles. Quando as companhias e os batalhões fossem transferidos, fazia já parte da paisagem.

Lavava pratos, cuidava de cavalos, limpava estábulos, levava mensagens, esfregava o chão, descascava legumes, assumia qualquer fardo pelo qual pudesse ganhar alguns cobres. Era um sujeito discreto, alto, moreno e pensativo que não fazia grandes amizades sem fazer também inimigos. Raramente socializava.

Após alguns meses, pediu e foi autorizado a ocupar um casebre aruinado que há muito era evitado por ter pertencido outrora a um feiticeiro de Remo. Quando o tempo e os recursos lho permitiram, reconstruiu a casa. E, como o feiticeiro antes dele, aplicou-se na missão que o tinha trazido para norte.

Dez, doze, catorze horas por dia, Corbie trabalhava pela cidade antes de voltar para casa para trabalhar um pouco mais. As pessoas tentavam perceber quando descansava.

Se houvesse alguma coisa que chamasse a atenção para Corbie, seria o facto de se recusar a assumir por inteiro o seu papel. A maioria dos tarefeiros tinha de suportar muitos insultos. Corbie não o aceitava. Quando abusavam dele, os seus olhos ficavam frios como aço no inverno. Só um homem o tinha pressionado depois de ver aquele olhar. Corbie espancou-o com uma eficiência implacável e inabalável.

Ninguém suspeitava da sua vida dupla. Fora da sua casa, era Corbie, o pantaneiro, e nada mais. Desempenhava o papel com empenho. Quando estava em casa, nas horas mais públicas, era Corbie, o restaurador, construindo uma casa nova a partir de uma casa velha. Só a altas horas, quando só a patrulha noturna permanecia desperta, se tornava Corbie, o homem com uma missão.

Corbie, o restaurador, encontrou um tesouro numa parede da cozinha do feiticeiro. Levou-o para o piso de cima, onde Corbie, o empenhado, vinha à superfície.

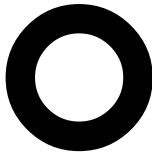
O pedaço de papel tinha uma dúzia de palavras rabiscadas com mão trémula. Uma cifra.

Aquela face sombria e tão raramente sorridente perdeu o gelo habitual. Olhos escuros brilharam e dedos acenderam uma lanterna. Corbie sentou-se e, durante uma hora, fitou o vazio. Depois, ainda a sorrir, desceu e saiu para a noite. Ergueu uma mão numa saudação delicada sempre que se cruzava com a patrulha noturna.

Tornara-se conhecido. Ninguém questionava o seu direito de coxear por ali e olhar a roda das constelações.

Voltou para casa quando os seus nervos se acalmaram. Não dormiria. Espalhou papéis e começou a estudar, a decifrar, a traduzir, a escrever uma carta narrativa que, durante anos, não chegaria ao seu destino.

A PLANÍCIE DO MEDO



ZAROLHO VEIO DIZER-ME QUE A AMOROSA ESTAVA PRESENTES a questionar o Cordoeiro e o mensageiro.

— Parece esgotada, Físico. Tens-te mantido atento a ela?

— Observo-a. Aconselho. Ignora-me. Que posso fazer?

— Temos vinte e tal anos até o cometa surgir. De nada serve que se esforce até à morte, não é?

— Diz-lhe isso *a ela*. Só me diz que esta confusão ficará arrumada antes de o cometa voltar. Que é uma corrida contra o tempo.

Ela acredita nisso, mas o resto de nós não consegue acompanhar a sua chama. Isolados na Planície do Medo, longe do mundo, o confronto com a Senhora perde ocasionalmente importância. A própria Planície ocupa-nos com demasiada frequência.

Dei por mim a distanciar-me à frente do Zanolho. Aquele enterro prematuro não lhe fez bem. Sem os seus dotes, enfraqueceu fisicamente. Começava a parecer a idade que tinha. Esperei que me alcançasse.

— Tu e o Duende gostaram da vossa aventura?

Não consegui decidir entre um sorriso e um esgar de desgosto.

— Voltou a levar-te a melhor, hã? — A sua batalha arrastava-se desde os primórdios. O Zanolho começa cada duelo. O Duende costuma concluí-los.

Resmungou qualquer coisa.

— O quê?

— Ei! — gritou alguém. — Todos no alto! Alerta! Alerta!

O Zanolho cuspiu no chão.

— Duas vezes num dia? Mas que raio?

Eu sabia ao que ele se referia. Não tínhamos tido vinte alertas durante os dois anos que ali passámos. E tínhamos dois no mesmo dia? Improvável.

Voltei para trás para trazer o arco.

Voltámos a sair com menos alarido. O Elmo tornara o seu desagrado dolorosamente aparente em algumas conversas privadas.

O sol outra vez. Como um golpe. A entrada do Buraco ficava virada para oeste. O sol bateu-nos nos olhos quando saímos.

— Maldito tolo! — gritava o Elmo. — Que raio fazes? — Um soldado jovem erguia-se em terreno aberto, apontando. Movi o meu olhar na direção que apontava.

— Raios me partam — sussurrei. — Raios me partam e me repartam.

O Zarolho também viu.

— Tomados.

O ponto aéreo elevou-se, descrevendo um círculo sobre o nosso esconderijo e iniciando uma espiral descendente. Subitamente, pareceu vacilar.

— Sim. Tomados. A Sussurro ou o Jornada?

— É bom ver velhos amigos — disse o Duende quando se juntou a nós.

Não víamos os Tomados desde a chegada à Planície. Antes, tinham estado constantemente atrás de nós, tendo-nos perseguido durante os quatro anos que demorámos a vir de Zimbro até ali.

São os subordinados da Senhora, os seus sequazes no terror. Outrora, tinham sido dez. No tempo do Domínio, a Senhora e o seu marido escravizaram os maiores dos seus contemporâneos, tornando-os instrumentos seus: os Dez Que Foram Tomados. Os Tomados foram enterrados com os seus mestres quando a Rosa Branca derrotou o Dominador, há quatro séculos. E ergueram-se com a Senhora, há duas passagens do cometa. No combate entre si, pois alguns permaneceram leais ao Dominador, a maioria pereceu.

Mas a Senhora obteve novos escravos. Pluma. Sussurro. Jornada. A Pluma e o último dos velhos, o Coxo, tombaram em Zimbro, quando vencemos o esforço do Dominador para conseguir ressuscitar. Restavam dois. Pluma. Jornada.

O tapete voador vacilou por ter chegado à fronteira onde o nulo da

Amorosa era suficiente para anular a sua flutuação. O Tomado virou para trás, perdendo velocidade enquanto se afastava e distanciando-se o suficiente para retomar o controle.

— É pena que não tenha vindo diretamente — disse eu. — Tombando como uma pedra.

— Não são estúpidos — disse o Duende. — Por agora, é só uma missão de reconhecimento. — Abanou a cabeça e estremeceu. Sabia alguma coisa que me escapava. Talvez alguma coisa aprendida durante a sua incursão fora da Planície.

— A campanha aquece? — perguntei.

— Sim. Que fazes, hálito de morcego? — perguntou ao Zanolho.
— Presta atenção.

O negro pequeno ignorava o Tomado. Fitava os penhascos esculpidos pelo vento bravio a sul da nossa posição.

— A nossa tarefa é ficarmos vivos — disse o Zanolho, tão altivo que se percebia que teria alguma coisa para usar contra o Duende. — Isso significa não me distrair pela primeira demonstração vistosa que vejo.

— Que raio quer isso dizer?

— Quer dizer que, enquanto o resto de vocês embasbaca para aquele palhaço lá em cima, outro deles aproximou-se pelos penhascos e anulou alguém.

O Duende e eu arregalámos os olhos para os penhascos vermelhos. Não vimos nada.

— Tarde demais — disse o Zanolho. — Foi-se. Mas acho que alguém deve ir recolher o espião.

Acreditei no Zanolho.

— Elmo! Vem cá! — Expliquei-lhe.

— Começam a movimentar-se — murmurou. — Quando começava a desejar que nos tivessem esquecido.

— Não esqueceram — disse o Duende. — Nem pensar. — Voltei a sentir que tinha algo específico em mente.

O Elmo observou o terreno que nos separava dos penhascos. Conhecia-o bem. Todos o conhecíamos. Um dia, as nossas vidas poderiam depender de o conhecermos melhor do que quem nos caçasse.

— Muito bem — disse a si mesmo. — Vejo-o. Levo quatro homens. Depois de falar com o Tenente.

O Tenente não sobe quando há alertas. Juntamente com outros dois

homens, estão sempre à entrada dos aposentos da Amorosa. Se o inimigo alguma vez alcançar a Amorosa, fá-lo-á sobre os seus cadáveres.

O tapete voador afastou-se para oeste. Perguntei-me porque não teria sido perturbado pelas criaturas da Planície. Dirigi-me ao menir que me tinha falado antes. Perguntei. Em vez de responder, disse:

— Começa, Físico. Recorda este dia.

— Sim. Está bem. — E é verdade que chamo a esse dia o início, mesmo que partes tenham começado antes. Esse foi o dia da primeira carta, o dia do Tomado e o dia do Batedor e do Cão Mata-Sapos.

O menir teve um último comentário.

— Há desconhecidos na Planície. — Não defenderia as variadas criaturas voadoras por não terem resistido ao Tomado.

O Elmo regressou. Eu disse-lhe:

— O menir diz que poderemos ter mais visitas.

O Elmo arqueou uma sobrancelha.

— Tu e o Silencioso têm os dois próximos turnos?

— Sim.

— Tenham cuidado. Duende. Zarolho. Venham cá. — Aproximaram as cabeças. A seguir, o Elmo escolheu quatro rapazes e foi à caça.

A PLANÍCIE DO MEDO



SUBI PARA O MEU TURNO DE SENTINELA. NÃO HAVIA SINAIS DO Elmo e dos seus homens. O sol estava baixo. O menir fora-se. Não havia qualquer som além da voz do vento.

O Silencioso sentou-se nas sombras dentro de um recife de mil corais, banhado pela luz do sol filtrada por ramos retorcidos. O coral é uma boa cobertura. Poucos dos habitantes da Planície arriscam os seus venenos. O perigo para os vigias é sempre maior do exotismo nativo do que dos nossos inimigos.

Espremi-me e baixei-me entre os espinhos mortíferos, juntando-me ao Silencioso. É um homem alto, magro e envelhecido. Os seus olhos escuros pareciam focados em sonhos que tinham morrido. Pousei as armas.

— Alguma coisa?

Abanou a cabeça numa negação singular e minúscula. Dispôs as almofadas que tinha trazido. O coral torcia-se à nossa frente, com ramos e leques erguendo-se seis metros. Podíamos ver pouca coisa além da travessia do ribeiro, de alguns menires mortos e das árvores caminhan-tes na encosta mais distante. Uma árvore erguia-se ao lado do ribeiro, com uma raiz na água. Como se sentisse que a olhava, iniciou uma lenta retirada.

A Planície visível era erma. A habitual vida do deserto, líquenes e arbustos rasteiros, serpentes e lagartos, escorpiões e aranhas, cães selvagens e marmotas, está presente, mas é escassa. Encontra-se sobretudo quando é inconveniente. E isso acaba por resumir a vida que se encontra na Planície. Encontra-se essa estranheza real apenas quando é mais

inoportuna. O Tenente alega que um homem que tentasse suicidar-se ali poderia passar anos sem se tornar desconfortável.

As cores predominantes eram vermelhos e castanhos, ferrugem, ocre, com arenitos tingidos cor de sangue e de vinho como os penhascos, com ocasionais estratos de laranja. Os corais espalhavam-se em recifes dispersos de branco e rosa. Nada era realmente verdejante. Tanto as árvores caminhanças como a vegetação rasteira tinham folhas de um cinzento-esverdeado poeirento, em que o verde existia sobretudo por aclamação. Os menires, vivos e mortos, eram de um cinzento-acastanhado intenso que se distinguia de qualquer pedra nativa da Planície.

Uma sombra inchada deslizou sobre o cascalho que cobria o sopé dos penhascos. Cobria vários hectares e era demasiado escura para ser a sombra de uma nuvem.

— Baleia-do-vento?

O Silencioso acenou com a cabeça.

Planou no ar entre nós e o Sol, mas não consegui avistá-la. Não via uma há anos. Da última vez que o Elmo e eu atravessámos a Planície com a Sussurro, ao serviço da Senhora... Tinha sido assim há tanto tempo? O tempo voava realmente e pouca diversão continha

— Águas estranhas correm sob a ponte, meu amigo. Águas estranhas correm.

Acenou com a cabeça, mas não disse nada. Era o Silencioso.

Não falou em todos os anos que o conheci. Nem nos anos que passou com a Companhia. No entanto, tanto o Zarolho como o meu antecessor no cargo de Analista afirmaram que era capaz de falar. A partir de indícios acumulados ao longo dos anos, passei a acreditar firmemente que, na sua juventude, antes de se alistar, jurou não falar. Sendo lei férrea da Companhia nunca remexer na vida de um homem anterior ao seu alistamento, não consegui descobrir nada acerca das circunstâncias.

Vi-o perto de falar, quando estava suficientemente irritado ou suficientemente divertido, mas conteve-se sempre no último instante. Durante muito tempo, os homens tornaram um jogo tentar levar-lhe a melhor, tentar fazê-lo violar o seu voto, mas a maioria desistia rapidamente. O Silencioso tinha uma centena de formas simples de desencorajar um homem. Como encher o seu saco-cama de carraças.

As sombras alongaram-se. Manchas de escuridão alastraram-se. Por

fim, o Silencioso ergueu-se, passou-me por cima e regressou ao Buraco, uma sombra de vestes escuras movendo-se na escuridão. Um homem estranho, o Silencioso. Além de não falar, não partilha rumores. Como é possível compreender um homem semelhante?

Apesar disso, é o mais antigo e próximo dos meus amigos. Explique-o quem puder.

— Bom, Físico. — A voz era tão oca como a de um fantasma. Sobressaltou-me. Uma gargalhada maliciosa ecoou entre o recife de coral. Um menir aproximou-se de mim, sorrateiro. Virei-me ligeiramente. Atravessava-se no caminho por onde o Silencioso seguira, feio e medindo três metros de altura. Atarracado para os seus.

— Olá, pedra.

Depois de se divertir às minhas custas, passou a ignorar-me. Ficou tão silencioso como uma pedra. Ah, ah.

Os menires eram os nossos principais aliados na Planície. Eram os porta-vozes das outras espécies conscientes. Contudo, informavam-nos do que acontecia apenas quando isso lhes convinha.

— Que acontece com o Elmo? — perguntei.

Nada.

Seriam mágicos? Supunha que não. Se fossem, não sobreviveriam dentro do nulo irradiado pela Amorosa. Mas que seriam? Mistérios. Como a maioria das criaturas bizarras por ali.

— Há desconhecidos na Planície.

— Já sei. Já sei.

Criaturas noturnas mostraram-se. Pontos luminosos pairaram e mergulharam no alto. A baleia-do-vento cuja sombra eu vira veio suficientemente para leste para me permitir ver o seu ventre cintilante. Desceria em breve, deixando cair tentáculos que prenderiam o que se lhe atravessasse no caminho. Uma brisa soprou.

Odores a salva passaram-me pelas narinas. O ar riu-se, sussurrou, murmurou e assobiou nos corais. Mais longe, o vento fazia tilintar o Velho Pai Árvore.

É único. O primeiro ou o último dos seus, não sei. Ali se ergue, com seis metros de altura e três de largura, silencioso ao lado do ribeiro, projetando algo próximo de pavor, com as raízes fixas no centro geográfico da Planície. O Silencioso, o Duende e o Zorlho tentaram desvendar o seu significado. Não conseguiram. As escassas tribos selvagens humanas

da Planície veneram-no. Dizem que está ali desde a aurora dos tempos. Parece realmente intemporal.

A Lua ergueu-se. Enquanto pairava, pachorrenta e cheia no horizonte, pareceu-me ver alguma coisa passar diante dela. Um Tomado? Ou uma criatura da Planície?

Ouviu-se alarido vindo da entrada do Buraco. Gemi. Não precisava daquilo. O Duende e o Zanolho. Durante meio minuto, de forma nada compreensiva, desejei que não tivessem regressado.

— Parem com isso. Não quero ouvir essa trampa.

O Duende moveu-se fora do coral, sorriu e desafiou-me a fazer alguma coisa. Parecia descansado, recuperado. O Zanolho perguntou:

— Rabugento, Físico?

— Podes crer que sim. Que fazem aí?

— Precisava de ar puro. — Inclinou a cabeça e olhou a linha formada pelo alto dos penhascos. Portanto, preocupados com o Elmo.

— Estará bem — disse eu.

— Eu sei — disse o Zanolho. — Menti. A Amorosa enviou-nos. Sentiu alguma coisa mover-se na fronteira ocidental do nulo.

— Hã?

— Não sei o que foi, Físico. — Subitamente, mostrava-se defensivo. Magoado. Gostaria de saber pela Amorosa. Está no ponto onde eu estaria se me privassem do meu equipamento médico. Incapaz de fazer aquilo para que se treinara durante toda a sua vida.

— Quearão?

— Uma fogueira.

— O quê?

O fogo rugiu. O Zanolho foi tão ambicioso que trouxe lenha suficiente para aquecer meia legião. As chamas repeliram a escuridão até me permitir ver cinquenta metros além do ribeiro. As últimas árvores caminhanter tinham partido. Talvez tivessem farejado a vinda do Zanolho.

Juntamente com o Duende, arrastou uma árvore comum caída. Deixamos as caminhanter em paz, exceto as trapalhonas que tropeçam nas próprias raízes. Não que aconteça com frequência. Não viajam muito.

Discutiam quem se esquivava à sua parte do trabalho. Largaram a árvore.

— Desaparecer — disse o Duende e, num instante, deixou de haver sinais deles. Intrigado, observei a escuridão. Não vi nada. Não ouvi nada.

Percebi que me custava manter-me acordado. Comecei a rachar a árvore morta para ter alguma coisa para fazer. A seguir, senti a estranheza.

Parei com o machado suspenso. Há quanto tempo se reuniam os menires? Contei catorze além da luz. Projetavam sombras longas e densas.

— Que se passa? — perguntei, nervoso.

— Há desconhecidos na Planície.

Maldita canção que cantavam. Instalei-me perto da fogueira, voltando as costas às chamas e atirando lenha sobre o ombro, avivando-as. A luz alastrou-se. Contei outros dez menires. Após algum tempo, disse:

— Não é exatamente uma novidade.

— Vem um.

Aquilo *era* novo. E proferido com paixão, algo que não testemunhara antes. Uma, duas vezes, pareceu-me captar um vislumbre de movimento, mas não podia ter a certeza. A luz do fogo é traiçoeira. Empilhei mais lenha.

Movimento, sem dúvida. Do outro lado do ribeiro. Uma silhueta de homem aproximando-se lentamente de mim. Receosa. Esperei, fingindo tédio. Aproximou-se mais. Carregava uma sela sobre o ombro direito e segurava um cobertor na mão esquerda. Na direita, trazia um estojo comprido de madeira, com o seu brilho polido refletindo a luz do fogo. Media dois metros de comprimento e tinha uma largura e uma espessura de dez centímetros por vinte. Curioso.

Reparei no cão enquanto atravessava o ribeiro. Um rafeiro, magro, sarnento, com pelo quase totalmente branco sujo, mas com um círculo preto à volta de um olho e algumas manchas pretas nos flancos. Coxeava, arrastando uma das patas dianteiras. O fogo chamou-lhe a atenção. Os seus olhos ardiam num vermelho brilhante.

O homem passava do metro e oitenta e talvez tivesse trinta anos. Movia-se com ligeireza, apesar do cansaço. Tinha músculos sobre músculos. A sua camisa esfarrapada expunha os braços e o peito cobertos com cicatrizes. Não havia qualquer emoção na sua cara. Retribuiu-me o olhar enquanto se aproximava da fogueira, sem sorrir nem traír qualquer intenção menos amistosa.

Senti um arrepio ligeiro. Parecia duro, mas não suficientemente duro para atravessar a Planície do Medo sozinho.

A primeira coisa a fazer seria ganhar tempo. Otto viria render-me

em breve. A fogueira alertá-lo-ia. Veria o desconhecido e voltaria a descer para despertar o Buraco.

— Olá — disse-lhe eu.

Ele parou e trocou um olhar com o rafeiro. O cão avançou lentamente, farejando o ar, olhando a noite envolvente. Parou a poucos metros de distância, sacudiu-se como se estivesse molhado e deitou-se sobre o ventre.

O desconhecido parou a seu lado.

— Pousa a carga. Descansa — sugeri.

Pôs a sela no chão, baixou o estojo e sentou-se. Estava dorido. Custava-lhe cruzar as pernas.

— Perdeste o cavalo?

Acenou com a cabeça.

— Pata partida. A oeste daqui. Oito ou nove quilómetros. Perdi-me do caminho.

Existem *realmente* caminhos pela Planície. A segurança de alguns é honrada pela Planície. Por vezes. De acordo com uma fórmula conhecida apenas pelos seus habitantes. Mas só alguém desesperado ou estúpido arrisca percorrê-los sozinho. Aquele sujeito não parecia um idiota.

O cão produziu um latido abafado. O homem coçou-lhe as orelhas.

— Para onde te diriges?

— Para um sítio chamado Baluarte.

Era o nome lendário, o nome de propaganda, do Buraco. Um esforço calculado para impressionar tropas em paragens distantes.

— Nome?

— Batedor. Este é o Cão Mata-Sapos.

— É um prazer conhecer-vos, Batedor. Mata-Sapos.

O cão resmungou. O Batedor disse:

— Tens de usar o nome completo. Cão Mata-Sapos.

Mantive a seriedade apenas por ser um homem tão grande, sombrio e de aspeto tão duro.

— Que é esse Baluarte? — perguntei. — Nunca ouvi falar dele.

Ele ergueu os olhos duros e escuros do rafeiro e sorriu.

— Ouvi dizer que fica perto de Oferendas.

Duas vezes num dia? Seria o dia dos pares? Não. Muito pouco provável. E o aspeto do homem não me agradava. Recordava-me demasiado o

Corvo, nosso antigo irmão. Gelo e ferro. Mostrei-lhe a minha expressão intrigada. Era convincente.

— Oferendas? É a primeira vez que ouço tal coisa. Deve ficar muito para leste. E que vais lá fazer?

Voltou a sorrir. O seu cão abriu um olho e fixou em mim um olhar nada amistoso. Não acreditavam em mim.

— Trazemos mensagens.

— Compreendo.

— Sobretudo uma encomenda. Destinada a alguém chamado Físico.

Suguei saliva entre os dentes, observando lentamente a escuridão em redor. O círculo de luz tinha encolhido, mas o número de menires mantinha-se inalterado. Pensei no Zarolho e no Duende.

— Aí está um nome que já ouvi — disse-lhes. — Um curandeiro qualquer. — O cão voltou a dirigir-me aquele olhar. Daquela vez, decidi que era sarcástico.

O Zarolho destacou-se da escuridão atrás do Batedor, com a espada pronta para cumprir o seu negro desígnio. Com um silêncio assustador. Com feitiçaria ou sem ela. Denunciei a sua presença com um indício de surpresa na face. O Batedor e o seu cão olharam para trás. Sobressaltaram-se os dois por verem alguém ali. O cão levantou-se com o pelo eriçado. A seguir, voltou a deitar-se, virando-se até conseguir ver-nos aos dois.

A seguir, o Duende surgiu, igualmente silencioso. Sorri. O Batedor olhou. Semicerrou os olhos. Pareceu pensativo, como um homem descobrindo que jogava às cartas com bandidos mais astutos do que esperara. O Duende riu-se.

— Quer entrar, Físico. Digo que o levemos para baixo.

A mão do Batedor aproximou-se do estojo que trouxera. O seu animal rosnou. O Batedor fechou os olhos. Quando se abriram, o controlo era seu. O seu sorriso regressou.

— Físico, hã? Então encontrei o Baluarte.

— Encontrei-o, amigo.

Lentamente, para não alarmar ninguém, o Batedor retirou um embrulho de oleado do alforge. Era gémeo do que tinha recebido apenas meio dia antes. Estendeu-mo. Enfiei-o dentro da camisa.

— De onde o trazes?

— Remo. — Contou a mesma história que o outro mensageiro.

Acenei com a cabeça.

— Vens de tão longe?

— Sim.

— Então *devemos* levá-lo para dentro — disse eu ao Zanolho. Ele percebeu o que eu queria dizer. Confrontaríamos aquele mensageiro com o outro. Veríamos se haveria faíscas. O Zanolho sorriu.

Olhei para o Duende. Aprovava.

Nenhum de nós se sentia à vontade com o Batedor. Não sabia ao certo porquê.

— Vamos — disse eu. Ergui-me do chão apoiado no arco.

O Batedor olhou o que usava como cajado. Começou a dizer alguma coisa, mas calou-se. Como se o reconhecesse. Sorri enquanto lhe virava as costas. Talvez pensasse que se tinha metido em apuros com a Senhora.

— Segue-me.

Fê-lo. O Duende e o Zanolho seguiram-no a ele, sem o ajudarem com a carga. O cão coxeou a seu lado, mantendo o nariz junto ao chão. Antes de entrarmos, olhei para sul, preocupado. Quando voltaria o Elmo para casa?

Enfiámos o Batedor e o rafeiro numa cela guardada. Não protestaram. Fui para os meus aposentos depois de acordar Otto, que se atrasava. Tentei dormir, mas aquele maldito embrulho gritava-me da mesa.

Não sabia ao certo se queria ler o que continha.

Aquilo acabou por vencer a batalha.